



LORETTA CHASE

*As Modistas - 2*

*Escândalo de cetim*





## O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratemplos da vida.

# Prólogo

*Observe seu ar indomado e seus cachos de cigano, negros como carvão. Note seu semblante aristocrático (para não dizer arrogante), esteja ele sorrindo para uma bela dama ou olhando com malgrado para um credor servil.*

*Revista da Corte. “Esquetes da vida real”, 1835.*

*Londres.*

*Quinta-feira, 21 de maio de 1835, de manhã bem cedo.*

Os imorais sabiam como dar uma festa.

Nas noites de quarta-feira, após dançar ou jogar cartas com o *crème de la crème* da sociedade no Clube Almack’s, o grupo mais sem regras de Londres se divertia em outro lugar.

Além da mesa de roleta e dos jogos de azar, a casa de Carlotta O’Neill oferecia atividades mais apimentadas, com mulheres de reputação duvidosa que trabalhavam como damas de companhia da maior cortesã de Londres.

Harry Fairfax, o conde de Longmore, naturalmente estava presente, embora aquele não fosse o tipo de lugar que seu pai, o marquês de Warford, gostaria que seu herdeiro frequentasse. Entretanto, Longmore tinha concluído havia muito tempo que atender aos desejos do pai era o caminho mais fácil para o tédio mortal.

Com 27 anos, ele era completamente diferente dos pais, em todos os aspectos. Havia herdado do tio-avô, lorde Nicholas Fairfax, não apenas a aparência – cabelos e olhos negros, além da altura e de um físico atlético –, mas também o talento para fazer o que não devia.

Por isso, ali estava lorde Longmore, na casa de Carlotta.

Ela, por sua vez, se encontrava caída sobre ele, exalando a fragrância de seu perfume e, por enquanto, conversando.

– Mas o senhor os conhece intimamente – disse ela. – Precisa nos contar como é a nova duquesa de Clevedon.

– Morena – respondeu ele, observando a roleta girar. – Bonita. Diz que é inglesa, mas age como uma francesa.

– Meu caro, isso nós teríamos descoberto lendo o *Spectacle*.

O *Foxe's Morning Spectacle* era o principal jornal de escândalos de Londres. O marquês de Warford o achava asqueroso, mas o lia. Embora relutassem em confessar, todos liam o *Spectacle*, desde alcoviteiras e cafetões até a Família Real. Longmore sabia que cada detalhe publicado a respeito da esposa do duque de Clevedon fora minuciosamente trabalhado por Sophia Noirot, a irmã loura da nova duquesa: malévola modista pela manhã, espiã do editor Tom Foxe à noite.

Longmore se perguntou onde Sophia estaria naquela noite. Ele não a vira no Almack's. Modistas, em especial as que pareciam francesas, tinham tanta chance de conseguir um convite para o clube quanto de se tornarem invisíveis. Mas Sophia Noirot tinha os próprios truques e, disfarçada de serviçal, era capaz de entrar com aquele corpo elegante e curvilíneo em qualquer lugar que desejasse. Era assim que descobria os vários segredos publicados no escandaloso jornal de Foxe.

A roleta parou de girar, um dos sujeitos à mesa praguejou, e a meretriz que atuava como crupiê arrastou uma pilha de fichas na direção de Longmore.

Ele pegou as fichas e as entregou a Carlotta.

– Quer que eu guarde seus ganhos em um lugar seguro? – perguntou ela.

Ele riu.

– Sim, minha cara, mantenha-os em segurança. E também compre uma lembrancinha para você.

As sobranceiras bem delineadas dela se ergueram.

Até um instante atrás, quando visões de Sophia Noirot passavam em um intenso fluxo por sua mente, o plano de Longmore era o mesmo que o de Carlotta: ir para o quarto. Carlotta deveria estar a serviço de lorde Gorell, mas ele, embora bastante rico, não era animado o suficiente para lhe oferecer uma diversão completa.

Dependente de uma mesada e dos ganhos na roleta, Longmore provavelmente não era rico o suficiente para conseguir manter uma amante como Carlotta. Além disso, embora não duvidasse de que possuía a energia e a

inventividade necessárias para manter o interesse dela, ocorreu-lhe que a mulher não seria capaz de sustentar o seu interesse por mais que cinco minutos. Até para seus imprudentes padrões, essa possibilidade não justificava o grande investimento financeiro nem o tédio subsequente de ser obrigado a ouvir o discurso do pai sobre gastos superiores ao valor das mesadas.

Em outras palavras, Longmore havia se cansado dela em poucos minutos.

Algum tempo depois de abandonar seus ganhos na roleta, partiu com dois de seus amigos e duas das funcionárias de Carlotta. Encontraram uma carruagem de aluguel e, depois de breves considerações, dirigiram-se para uma casa de jogos de péssima reputação, nas cercanias da St. James Street. Longmore conseguiria uma boa briga naquele local.

Entediado com a conversa dentro da carruagem, ele olhou pela janela. O sol nascia cedo nessa época do ano e, embora o vidro estivesse sujo, ele conseguia enxergar bem. Viu uma mulher malvestida carregando uma cesta velha, o que deixava claro que não era uma das numerosas rameiras de Londres, mas uma pessoa a caminho do trabalho, enquanto seus superiores da alta classe voltavam de alguma festa.

Ela se movia com rapidez, mas não o suficiente. De repente, saindo de um beco, uma figura agarrou sua cesta e a derrubou no chão, no meio da rua.

Longmore abriu a porta da carruagem e pulou para fora do veículo em movimento, ignorando os gritos e apelos dos companheiros. Tropeçou, recuperou o equilíbrio e correu atrás do ladrão.

Em um horário de maior movimento, ele teria perdido o sujeito de vista, mas era de manhã bem cedo e não havia quase ninguém no caminho. Ele não raciocinava, apenas corria com uma fúria cega. Quando o homem entrou em um paço estreito, Longmore não pensou na possibilidade de aquilo ser uma emboscada.

O sujeito estava prestes a alcançar uma porta. Provavelmente seus comparsas o aguardavam do outro lado. Longmore chegou primeiro. Agarrou o ladrão e o jogou contra a parede mais próxima. O sujeito bateu com a cabeça, deixando a cesta cair. Embora não pudesse estar muito ferido, o bandido permaneceu onde estava, de olhos fechados.

– Eu não me levantaria se fosse você – alertou Longmore. – Covarde imundo! Atacando *mulheres*!

Longmore pegou a cesta e olhou ao redor do paço. Os cúmplices do ladrão poderiam aparecer para ajudar o amigo.

Mas o bandido não teve essa sorte. A área permanecia silenciosa, embora Longmore tivesse consciência de que estava sendo observado. Saiu andando e entrou na Piccadilly.

Poucos minutos depois, encontrou a dona da cesta. Ela estava recostada na frente de uma loja, chorando.

– Não precisa mais chorar. Aqui estão seus pertences.

Ele tirou algumas moedas do bolso e as colocou nas mãos da moça, junto com a cesta velha.

– Onde você estava com a cabeça, correndo por aí sem prestar atenção no que se passa ao seu redor?

– E-eu precisava chegar ao trabalho... milorde.

Ele não perguntou como ela sabia que ele era um lorde.

Todos na cidade conheciam o conde de Longmore.

– Ladrões e aristocratas bêbados perambulando pelas ruas, procurando problemas, e você sem uma arma – disse ele. – O que há de errado com as mulheres nos dias de hoje?

– Nã-não sei.

Ela tremia. Por causa da queda, estava cheia de hematomas e sujeira. Teve sorte de não ter sido atropelada por nenhum dos inúmeros arruaceiros bêbados que voltavam para casa após uma noite de excessos.

– Venha comigo – convidou Longmore.

Fosse por estar perturbada demais para raciocinar ou por sentir-se intimidada – ele costumava causar esse efeito, até mesmo em seus iguais –, ela o seguiu até a carruagem, parada do outro lado da rua. Os amigos bêbados de Longmore poderiam ter seguido em frente, mas continuaram ali para assistir ao espetáculo.

– Todos para fora – ordenou Longmore.

Os companheiros emitiram alguns sons de protesto, mas saíram cambaleando do veículo, todos encarando a insípida moça.

– Não faz seu tipo, Longmore – disse Hempton.

Crawford balançou a cabeça.

– Devo dizer que seus padrões estão ficando muito baixos.

Longmore os ignorou.

– Para onde estava indo? – perguntou à moça.

Ela olhou para Longmore, depois para os amigos dele e em seguida para as meretrizes.

– Não se importe com eles. Ninguém está interessado nas suas coisas. Só queremos chegar à próxima festa. Aonde você quer que o cocheiro a leve?

Ela engoliu em seco.

– Por favor, milorde, eu estava a caminho da Sociedade das Costureiras para Educação de Mulheres Desafortunadas.

– Que nome longo... – disse Crawford.

– Eu trabalho lá. Vou chegar tarde.

Ela deu o endereço a Longmore, que o passou ao cocheiro, com ordens para deixar a moça em seu destino na metade do tempo que seria o usual. Caso contrário, ele o encontraria e lhe daria um excelente motivo para se mover devagar.

O conde ajudou a moça a subir na carruagem, bateu a porta e fez sinal para o cocheiro partir. Ao fazer isso, pensou nas costureiras. Uma em particular: a loura.

Deixando os companheiros com a função de encontrar outra carruagem, Longmore continuou a pé, sozinho, percorrendo a curta distância até a St. James Street. Para chegar ao Crockford's Club, ele precisava passar pelo White's Club, do outro lado da rua e, mais adiante, pela Maison Noiro, onde residiam as modistas francesas.

Longmore passou diante da porta da loja. Parou e olhou para trás, para cima, observando os andares superiores onde, por motivos que não conseguia entender, duas das três irmãs Noiro ainda moravam.

Seguiu em frente até o Crockford's, onde perdeu enormes quantias de dinheiro em alguns minutos, antes de ver sua sorte mudar. Após cerca de uma hora de crescente monotonia, ele saiu do clube. Para os padrões da alta sociedade, ainda era inacreditavelmente cedo. No entanto, havia movimento na St. James Street: alguns poucos veículos e pedestres subiam e desciam. As lojas ainda não estavam abertas.

Longmore sabia que a Maison Noiro só abria às dez horas, muito embora as costureiras – um regimento delas – entrassem às nove. Ao longo das últimas semanas, ele havia adquirido uma noção geral dos hábitos de Sophia Noiro.

Ele esperou.

# Capítulo um

*Nas últimas semanas, a alta sociedade ficou em estado de ebulição devido à fuga da filha de sir Colquhoun Grant com o Sr. Brinsley Sheridan... Na sexta-feira à tarde, perto das cinco horas, o jovem casal tomou emprestada a carruagem de um amigo e partiu a toda a velocidade para o Norte.*

*Jornal da Corte, 23 de maio de 1835.*

*Londres.*

*Quinta-feira, 21 de maio de 1835.*

Brandindo uma cópia do *Morning Spectacle*, Sophia Noirot entrou correndo para falar com o duque e a duquesa de Clevedon, que tomavam o café da manhã na sala de desjejum da Residência Clevedon.

– Vocês viram isto? – disse ela, jogando o jornal na mesa, entre a irmã e o cunhado. – A cidade está no maior frenesi... e estão culpando as três irmãs de Sheridan. Não é hilário? Três irmãs conspirando, fazendo tramas perversas... e não somos *nós*! Ah, minha querida, pensei que ia morrer de tanto rir quando li isso.

Nos últimos tempos, certos membros da sociedade compararam, mais de uma vez, as três proprietárias da Maison Noirot – que Sophia decidira transformar no mais importante estabelecimento de roupas femininas de Londres, mesmo que isso lhe custasse a vida – às três bruxas de *Macbeth*. Segundo rumores, o duque de Clevedon jamais teria se casado com uma *lojista* se não tivesse sido enfeitiçado por elas.

As cabeleiras negras de Suas Graças se inclinaram por cima do jornal, cuja tinta mal secara. O mexerico sobre a fuga de Sheridan e da Srta. Grant, para se casarem sem o consentimento dos pais, já estava na boca de toda a sociedade, mas o *Spectacle*, como sempre, foi o primeiro a confirmá-lo em letras impressas.



– Estão dizendo que o pai da Srta. Grant irá processar Sheridan – apontou Marcelline. – Uma história animada, sem dúvida.

Naquele momento, um laçao entrou e anunciou:

– Lorde Longmore, Vossa Graça.

*Maldição!*, pensou Sophia. Sua irmã havia causado um tumulto, transformando uma das mulheres mais poderosas da alta sociedade – por acaso, a mãe de Longmore – em inimiga mortal. Inúmeras clientes estavam abandonando o ateliê, e Sophia não tinha ideia de como reparar o prejuízo.

Agora, *ele*.

O conde de Longmore adentrou o salão de desjejum, trazendo um jornal sob o braço. A pulsação de Sophia se acelerou. Era impossível controlá-la.

Cabelos pretos, brilhantes olhos negros... a boca cáustica e rígida... o nariz de um nobre, que já devia ter sido quebrado uma dúzia de vezes e, mesmo assim, permanecia obstinadamente reto e arrogante... a compleição de quase 1,90 metro.

*Toda essa beleza máscula. Ah, se ele também tivesse um cérebro...*, pensou.

Não, melhor não. Em primeiro lugar, um cérebro em um homem não era algo muito conveniente. Segundo, ela não tinha tempo para homens. Precisava salvar sua loja da ruína iminente.

– Trouxe comigo a última edição do *Spectacle* – disse ele ao casal sentado à mesa. – Mas não fui rápido o bastante, pelo que vejo.

– Sophia já o tinha trazido – explicou Marcelline.

Os olhos negros de Longmore pousaram em Sophia. Com frieza, ela meneou a cabeça e dirigiu-se ao aparador. Olhou para as travessas quentes e se concentrou em encher o próprio prato.

– Srta. Noirot, já acordada e trabalhando. A senhorita não esteve no Almack's na noite passada.

– É claro que não. A Inquisição Espanhola não me concedeu autorização.

– E desde quando a senhorita depende de alguma permissão? Fiquei muito decepcionado. Estava ansioso para ver que disfarce iria adotar. Meu predileto até agora é o de criada de Lancashire.

Aquele também era o predileto de Sophia. Entretanto, suas intromissões em eventos importantes, para coletar mexericos e contar para Foxe, deveriam ser secretas. Ninguém prestava atenção em serviços, e ela era uma Noirot, uma mulher habilidosa tanto em se fazer invisível quanto em atrair as atenções.

Mas *ele* percebera.

Provavelmente havia desenvolvido poderes incomuns de audição e visão para compensar o cérebro minúsculo. Ela levou o prato até a mesa e se sentou ao lado da irmã.

– Estou consternada por ter estragado sua noite – afirmou.

– Não foi um problema. Achei outra coisa para fazer.

– Parece que sim – disse Clevedon, olhando para o amigo. – Deve ter sido uma festa e tanto. Como você nunca está acordado e em atividade a essa hora da manhã, só posso concluir que passou por aqui quando estava a caminho de casa.

Como a maioria de seus pares, lorde Longmore raramente se levantava antes do meio-dia. Os cabelos desalinhados, o lenço torto no pescoço, o casaco, o colete e as calças amassados revelavam a Sophia que ele ainda não fora se deitar – pelo menos não na própria cama.

Em sua mente, vislumbrou o imponente conde nu, em meio a um emaranhado de lençóis. Ela nunca o vira sem roupa, e era melhor que continuasse assim. No entanto, tinha uma imaginação fértil.

Com firmeza, afastou aquele pensamento.

Um dia ela se casaria com um homem respeitável, que não se meteria em seu trabalho. Longe de ser respeitável, Longmore era um grande tolo que sempre se metia na vida dos outros. Além disso, era o filho mais velho de uma mulher que queria ver as irmãs Noirot varridas da face da Terra.

Somente uma tonta se envolveria com ele.

Sophia desviou a atenção para as roupas de Longmore. Em relação à alfaiataria, eram impecáveis: o ajuste confortável delineando cada musculoso centímetro de seus ombros e peito largos, a cintura fina, os quadris estreitos, descendo para as longas e vigorosas pernas...

Forçou-se a sair daquele devaneio, lembrou-se de que as roupas eram a sua vida e analisou o traje dele com objetividade, como um profissional criticando o trabalho de outro.

Ela sabia que ele, em geral, se vestia com muita elegância. Seu pajem, Olney, tomava essas providências. Mas Longmore nem sempre se comportava com elegância, e o que acontecia depois que ele saía de casa estava fora do controle do pobre pajem.

Pela aparência do conde, muita coisa acontecera desde que o pajem vira o patrão.

– Você sempre foi o intelectual da família – disse Longmore ao duque.

– E deduziu corretamente. Parei no Crockford’s. E em outros lugares. Precisava de algo para conseguir tirar da cabeça aquelas horas deprimentes que passei no Almack’s.

– Você odeia esses eventos – disse Clevedon. – Só posso concluir que uma mulher o atraiu até lá.

– Minha irmã – respondeu Longmore. – Ela é uma idiota em relação aos homens. Meus pais reclamam disso o tempo todo. Até eu já percebi que os pretendentes dela são um bando de coitados. Uma corja de devassos e falidos. Para desencorajá-los, fico perto dela, fazendo cara de poucos amigos.

Sophia não teve a menor dificuldade para imaginar a cena. Ninguém conseguiria fazer uma cara mais ameaçadora do que ele, olhando para o mundo de cima a baixo com os olhos semicerrados, como se fosse uma enorme e sombria ave de rapina.

– Muito fraternal de sua parte – comentou Clevedon.

– Aquele palerma do Adderley estava querendo propor casamento a ela. – Longmore se serviu de café e se sentou ao lado de Clevedon, de frente para Marcelline. – Ela o acha atraente. E eu acredito que ele está atraído apenas pelo dote dela.

– Dizem por aí que Adderley está mergulhado em dívidas – concordou Clevedon.

– E eu não gosto do sorriso afetado e malicioso dele – afirmou Longmore. – E nem acho que Adderley goste muito de Clara. Meus pais o detestam por diversas razões. – Ele apontou para o jornal com a xícara de café. – Ninguém vai olhar com condescendência para esse golpe do Sheridan, mas foi bem conveniente para vocês, ousou dizer. Uma excelente maneira de desviar a atenção de suas emocionantes núpcias.

Seus olhos negros se moveram na direção de Sophia.

– O momento não poderia ter sido mais apropriado. Tem algo a ver com isso, Srta. Noirot?

– Se tivesse, ia exigir uma garrafa do melhor champanhe do duque e faria um brinde a mim mesma – respondeu Sophia. – Adoraria ter imaginado um plano tão *perfeito*.

Embora as três irmãs Noirot fossem modistas de igual talento, cada uma delas possuía qualidades específicas. Marcelline, a mais velha, de cabelos negros, era uma talentosa artista e desenhista. A ruiva, Leonie, a mais nova de todas, era o gênio financeiro. Sophia, a loura, era a vendedora. Ela era

capaz de amolecer corações de pedra e arrancar grandes somas de dinheiro das pessoas. Conseguia convencê-las de que preto era branco. Suas irmãs costumavam dizer que ela conseguiria vender areia para beduínos.

Se fosse capaz de criar um escândalo que mudasse o foco da alta sociedade, desviando-o de Marcelline para outra pessoa, Sophia o teria feito. Por mais que amasse Marcelline e estivesse feliz por ela ter se casado com um homem que a adorava, Sophia ainda se ressentia da perturbação que isso causara aos seus negócios. Ela não estava certa de que Marcelline e Clevedon realmente entendiam as dificuldades que seu recente casamento havia criado para a Maison Noiro, ou o perigo que ameaçava a loja.

Mas eles eram recém-casados, e o amor parece nublar a mente das pessoas com mais eficiência que a luxúria. No momento, Sophia não toleraria arruinar a felicidade deles compartilhando as ansiedades dela e de Leonie.

Os recém-casados trocaram olhares.

– O que você acha? – perguntou Clevedon. – Quer aproveitar essa mudança de foco para retornar ao trabalho?

– Eu tenho que voltar a trabalhar, com ou sem mudança de foco – respondeu Marcelline. Ela olhou para Sophia. – Vamos sair depressa, *ma chère sœur*. As tias descerão para o desjejum em breve.

– As tias? – espantou-se Longmore. – Ainda estão aqui?

A Residência Clevedon era ampla o suficiente para acomodar várias famílias com muito conforto. Quando as tias do duque vinham à cidade para uma visita, não ficavam em hotéis, e sim na ala norte da casa.

Recentemente, o motivo da visita fora impedir o casamento.

A princípio, Marcelline e Clevedon planejavam se casar no dia seguinte ao que ele havia pedido sua mão – ou a seduzido. Mas as ideias menos emocionais de Sophia e Leonie prevaleceram.

O casamento, segundo elas, causaria um rebuliço espetacular, possivelmente fatal para os negócios. Contudo, se alguns dos parentes de Clevedon participassem da cerimônia, sinalizando que tinham aceitado a noiva, o traje seria abrandado.

Assim, Clevedon resolvera convidar as tias, que vieram correndo para evitar aquela chocante união. Mas nenhuma grande dama, nem mesmo a rainha, era páreo para a arma secreta das três irmãs Noiro: Lucie Cordelia, a filha de 6 anos de Marcelline. As tias se renderam em poucas horas.

Agora, estavam tentando encontrar uma forma de tornar Marcelline

respeitável. Elas acreditavam que podiam apresentá-la à rainha. Sophia não tinha certeza de que isso traria algum benefício à Maison Noiro, muito pelo contrário; ela suspeitava que esse encontro alimentaria as chamas do ódio de lady Warford.

– Ainda aqui – respondeu Clevedon. – Não conseguem ir embora.

Marcelline se levantou e os outros a acompanharam.

– É melhor ir antes que desçam. Elas ainda não aceitaram totalmente minha volta ao trabalho.

– O que significa que há muito mais intromissões do que você gostaria – disse Longmore. – Eu entendo.

Ele deu um sorriso irônico para Marcelline e curvou-se. Longmore parecia preencher a sala toda. Estava descabelado e tinha péssima reputação, mas fazia reverências com a graça de um dândi.

Era irritante observar sua postura, tão graciosa e à vontade naquele enorme e truculento corpo. Era realmente azucrinante sua maneira de exalar virilidade. Sophia era uma Noiro, uma raça finamente sintonizada com a excitação animal – e não muito dotada de princípios morais. Se ele descobrisse quanto ela era fraca, seria o seu fim.

Ela fez uma pequena reverência e pegou a irmã pelo braço.

– Sim, bem, é melhor não perdermos tempo. Prometi a Leonie que não me ausentaria por mais de meia hora.

Ela apressou a irmã para saírem da sala.



Longmore as observou enquanto saíam. Na verdade, observou Sophia, que era uma atraente mistura de energia e astúcia. Quando elas estavam longe o suficiente para não ouvi-lo, comentou:

– Sem qualquer desrespeito à sua duquesa, mas... elas são loucas?

– Depende do ponto de vista – respondeu Clevedon.

– Elas podem fechar a loja e viver aqui. Não faltam aposentos nesta casa. Por que desejam continuar a ser subservientes e humildes diante das mulheres?

– Paixão – explicou Clevedon. – O trabalho é a paixão delas.

Longmore não tinha certeza do que era exatamente paixão. Podia quase jurar que nunca havia experimentado tal sentimento. Desde os 18 anos, nem sequer sentira algum interesse maior por uma mulher.

Clevedon, seu amigo mais próximo, sabia disso. Assim, Longmore não comentou mais nada. Apenas balançou a cabeça e foi até o aparador. Serviu-se de uma montanha de ovos, grandes fatias de bacon e pão, além de uma boa quantidade de manteiga para ajudar a comida a descer. Levou o prato até a mesa e começou a comer.

Ele sempre considerara a casa de Clevedon como sua, e o amigo garantiu que deveria continuar a ser assim. A duquesa parecia gostar dele. A irmã loura, entretanto, tinha vontade de matá-lo – o que a tornava ainda mais interessante e divertida.

Tinha sido por isso que esperara por ela. Tinha sido por isso que a seguira, desde a Maison Noirost até Charing Cross. Vira o jornal na mão dela e deduzira o que era.

Por algum truque de mágica – provavelmente um pacto com o diabo –, o *Morning Spectacle* costumava circular nas ruas de Londres antes dos concorrentes e contendo os escândalos mais recentes. Embora grande parte da diversão dos membros da classe alta só começasse depois das onze horas da noite, ou antes do amanhecer, Foxe se organizava para encher as páginas de seu animado jornal com detalhes sobre o que as pessoas haviam feito havia pouquíssimas horas.

Isso não era um feito qualquer, mesmo levando-se em consideração que “manhã” era uma unidade de tempo flexível entre a elite, geralmente se estendendo até bem depois do meio-dia.

Curioso sobre o que a levava à Residência Clevedon tão cedo, ele comprou o jornal do moleque que o anunciava na esquina e deu uma lida. Agora que estava familiarizado com o estilo de escrita de Sophia, Longmore sabia que não era algo para ser ingerido de estômago vazio. Mesmo assim, insistiu. Embora não soubesse como ela poderia ter tido alguma influência no escândalo envolvendo Sheridan, não o surpreenderia se ela tivesse a ver com o caso. Ela fazia muitas coisas que ele achava intrigantes – começando pelo seu jeito de andar. Ela se portava como uma lady, como as mulheres da classe dele, embora o balanço das cadeiras promettesse algo tentadoramente vulgar.

– Eu me casei com Marcelline sabendo que ela jamais abriria mão do trabalho – explicou Clevedon. – Se desistisse da carreira, seria como qualquer outra. Não seria a mulher por quem me apaixonei.

– Amor – disse Longmore. – Uma péssima ideia.

Clevedon sorriu.

– Um dia, o amor vai surgir em sua vida e vai dar um coice no seu traseiro. E eu vou ficar olhando, rindo até não poder mais.

– O amor não vai encontrar espaço em minha vida. Não sou como você. Não sou *sensível*. Se o amor quiser tomar conta de mim, ele terá que se esforçar mais. Além de me dar um coice no traseiro, terá que me amarrar e me bater para chegar ao meu cérebro.

– O que fará com que o momento seja ainda mais divertido – retrucou Clevedon.

– Você vai ter que esperar – disse Longmore. – Por enquanto, o problema é a vida amorosa de Clara.

– Ouso afirmar que, desde o meu casamento, a situação em casa não tem sido muito agradável para vocês dois.

Clevedon sabia mais do que ninguém. Lorde Warford fora seu guardião. Clevedon e Longmore cresceram juntos. Mais do que amigos, eram como irmãos. E Clevedon amava Clara desde quando eram crianças. O casamento dos dois, um com o outro, era dado como certo. Então, o duque encontrou sua modista. E Clara, para o espanto dos pais, irmãos e de toda a alta sociedade, reagiu com desdém.

– Meu pai já se conformou – explicou Longmore. – Minha mãe, não.

Ele estava sendo gentil. A mãe de Longmore ficara enlouquecida. A mínima referência ao duque ou à sua nova esposa a fazia chorar. Ela brigava com Clara o dia inteiro. Estava deixando a moça tonta, sempre trazendo Clevedon para a conversa. Quase todo dia, Longmore recebia uma mensagem da irmã implorando que fosse até lá e fizesse algo.

Longmore e Clara foram ao casamento de Clevedon – o que significava que abençoavam a união. Esse fato, que foi logo relatado no *Spectacle*, transformou a Residência Warford em um campo de batalha.

– Eu entendi muito bem quando Clara me rejeitou – disse Clevedon.

– Não vejo como você não entenderia. Ela explicou em detalhes, bem alto, diante de metade da cidade.

– O que não entendo é por que ela não manda Adderley catar coquinhos.

– Alto, louro, um ar poético – disse Longmore. – Ele sabe o que dizer às mulheres. Os homens o enxergam como ele é de verdade. As mulheres, não.

– Não tenho ideia do que se passa na cabeça de Clara. Minha esposa e as irmãs dela vão querer entender isso direitinho. Faz parte do trabalho delas conhecer suas clientes, e Clara é uma cliente especial. Desfila as criações de

Marcelline como ninguém. Não desejarão que ela se case com um homem de bolsos vazios.

– Elas também se dedicam a encontrar casamentos? – indagou Longmore.  
– Se for assim, gostaria que encontrassem um sujeito à altura de Clara e me poupassem das tediosas noites no Almack's.

– Deixe isso com Sophia. Ela é quem vai às festas. Pode ver o que acontece melhor do que qualquer um.

– Inclusive um monte de coisas que as pessoas prefeririam que ela não visse – acrescentou Longmore.

– Ela tem um olho excepcional para os detalhes – comentou Clevedon.

– É uma escrita excepcionalmente rápida. É fácil reconhecer o trabalho dela no *Spectacle*. Um enorme fluxo de palavras sobre fitas, laços, rendas e pregas aqui e franzidos acolá. Nenhum fio de linha deixa de ser mencionado.

– Ela também percebe gestos e aparências – acrescentou Clevedon. – Ninguém conta uma história como ela.

– Sem a menor sombra de dúvida – concordou Longmore. – Uma jovem cheia de adjetivos e advérbios.

Clevedon sorriu.

– É o que atrai as clientes: a combinação de mexerico com os intrincados detalhes sobre os vestidos, todos relatados com dramaticidade. Isso exerce nas mulheres o mesmo efeito que é provocado nos homens quando eles olham para uma mulher nua. – Ele tamborilou no *Spectacle*. – Vou pedir a Sophia que fique de olho em Clara. Com vocês dois vigiando, tenho certeza de que minha irmã permanecerá longe de problemas.

Longmore não tinha objeção a nenhuma atividade que envolvesse Sophia Noirot. Muito pelo contrário. Ficar de olho na própria irmã lhe daria uma boa desculpa para ficar ao lado dela e, com um pouco de sorte, em cima também.

– Não posso pensar em ninguém que seja melhor para o trabalho – disse Longmore. – A Srta. Noirot será perfeita.

Em sua mente, ela era *Sophia*, mas ela jamais lhe dera confiança para usar seu nome. Assim, mesmo com Clevedon, as boas maneiras exigiam que Longmore usasse a forma correta de se referir à dama solteira mais velha da família.

– Com os dois mantendo guarda, os devassos e falidos não terão a menor chance. Nem próprio Argus faria melhor.



Longmore tentou lembrar.

– O cachorro?

– Não. O gigante com muitos olhos – explicou Clevedon. – “E coloque o grande e forte Argus para vigiá-la, que, com quatro olhos, enxerga em todas as direções. E a deusa suscitou nele incansável força: o sono jamais caiu sobre seus olhos, ficando sempre vigilante.”

– Isso me soa excessivo. Mas... você sempre foi um romântico.



*Uma semana depois.*

– Warford, como você *pôde* fazer uma coisa dessas?

– Minha querida, você sabe que não posso dar ordens a Sua Majestade...

– Isso é inaceitável! Aquela *criatura* com quem ele se casou... apresentada à *corte*! E durante a comemoração do aniversário do rei, como se fosse uma visitante da própria realaleza!

Longmore estava preso em uma carruagem junto com a mãe, o pai e Clara, saindo do palácio de St. James. Embora os eventos da corte o entediasssem, ele fora à celebração na esperança de ver certa “visita inesperada”, mas só encontrara a irmã de Sophia – a “criatura” que causava tamanha irritação em sua mãe. Pouco tempo depois, ao constatar que Sophia não estava presente, ficou em dúvida entre sair sem ser notado ou tentar achar uma esposa ou viúva que também estivesse entediada. O palácio possuía um bom sortimento de cantos escuros, convidativos a uma rápida diversão.

Nenhuma sorte com as mulheres. O mar de plumas e diamantes era formado por uma abundância excessiva de virgens e matronas hipócritas. E virgens eram mulheres com quem se casar, não candidatas a uma diversão sob as escadas.

– Estranho, eu concordo – disse lorde Warford, com cautela. Embora tivesse desistido de se sentir ofendido pelo casamento de Clevedon, ele também desistira de fazer com que a esposa voltasse à razão.

– Não me pareceu estranho – discordou Longmore.

– Não lhe pareceu estranho? – berrou a mãe. – Não lhe pareceu estranho? *Ninguém* é apresentado na comemoração do aniversário do rei.

– Ninguém, a não ser dignitários estrangeiros – respondeu lorde Warford.

– O simples fato de requerer uma exceção foi uma violação chocante das regras de etiqueta – disse lady Warford, esquecendo-se, convenientemente, de que ela mesma pedira ao marido que cometesse uma violação chocante das regras de etiqueta ao pedir ao rei que não reconhecesse a duquesa de Clevedon.

Mas era função do filho, e não do marido, apontar esse fato. Anos de casamento haviam ensinado a lorde Warford o sentido da palavra covardia.

– Não consegui acreditar que Sua Majestade faria uma coisa dessas, nem mesmo por lady Adelaide – prosseguiu a mãe. – Mas a rainha gosta muito da tia mais nova de Clevedon. – Ela olhou para a filha. – Lady Adelaide Ludley poderia ter usado sua influência a favor de você e de sua família. Mas, não, você precisava ser a filha mais ingrata e desobediente do mundo. Você tinha que romper o noivado com o duque de Clevedon!

– Eu não rompi o noivado com ele, mamãe – rebateu Clara. – Não se pode romper um noivado quando não se está noiva.

Longmore já escutara aquela discussão tantas vezes que odiava estar preso em uma carruagem, ouvindo tudo de novo, a voz da mãe cada vez mais alta e a de Clara subindo na mesma proporção. Normalmente, teria pedido ao cocheiro que parasse a carruagem para que pudesse descer.

Ele sabia que Clara era capaz de se defender. O problema era que isso só levava a mais discussões, gritos e pedidos para que ele fosse à Residência Warford antes que ela cometesse um matricídio.

Ele pensou bastante e disse:

– Ficou bem claro para mim que eles fizeram a apresentação nos bastidores, digamos assim, para poupar seus sentimentos.

Seguiu-se aquele silêncio furiosamente intenso que costumava acontecer quando os pais estavam decidindo se o filho, contra quaisquer racionalidade e evidência, havia dito alguma coisa na qual valesse a pena prestar atenção.

– Com as tias e toda a situação – prosseguiu Longmore –, a rainha ficaria em uma situação difícil. Ela não poderia rejeitar toda a família de Clevedon, que é o que estaria fazendo, uma vez que as tias aceitaram sua esposa.

– Sua esposa – repetiu a mãe, com amargor. – Sua *esposa*.

Ela lançou para Clara aquele mesmo olhar que César deve ter lançado a Brutus quando a faca foi cravada em seu corpo.

– Dessa maneira, pelo menos o fato ocorreu nos bastidores e não na frente de toda a cidade.

Enquanto a mãe refletia sobre aquelas palavras em sua mente fervilhante, a carruagem chegou à Residência Warford. Os lacaios abriram a porta e a família saiu, as damas agitando suas saias quando pisaram no chão.

Longmore não disse nada. Clara também não, mas lançou ao irmão um olhar de agradecimento antes de entrar em casa atrás da mãe. O pai, entretanto, permaneceu na entrada, com Longmore.

– Você não vai entrar?

– Acho que não – respondeu Longmore. – Fiz o melhor que pude. Tentei acalmar a situação.

– Isso não vai ter fim – disse o pai, em voz baixa. – Não para sua mãe. Sonhos partidos, orgulho ferido, sensibilidades afrontadas e tudo mais. Você está vendo como é. Não teremos paz na família enquanto Clara não encontrar um substituto para Clevedon que esteja à altura dele. Isso não vai acontecer enquanto ela continuar encorajando aquela corja de fracassados. – Ele fez um gesto de desdém. – Você tem que fazer com que se afastem dela.



*Baile da condessa de Igby.*

*Sábado, 30 de maio de 1835.*

*Uma hora da manhã.*

Longmore estava procurando lorde Adderley havia algum tempo. Como Adderley já provara ser muito ignorante para entender que não era bem-vindo, Longmore decidira que a melhor abordagem seria dar uma surra nele até que entendesse que devia ficar longe de Clara.

O problema era que Sophia Noiroth também estava na festa de lady Igby, e Longmore, diferentemente de Argus, tinha o mesmo número de olhos que os outros homens.

Ele se distraía observando Sophia passar, sem que ninguém prestasse a mínima atenção – exceto pelos idiotas de sempre, que achavam que as criadas existiam apenas para seu prazer. Como queria usá-la para o *próprio* prazer, Longmore começou a ir atrás dela, a fim de protegê-la, mas acabara descobrindo que ela não precisava de ajuda com possíveis interessados.

Ela havia “acidentalmente” despejado chá quente no colete de um cavalheiro que se aproximara demais. Outro a seguira até uma antecâmara, acabando por tropeçar em algo e cair de cara no chão. Um terceiro a seguira por um corredor até um quarto. Pouco depois, saíra mancando.

Preocupado com as aventuras de Sophia, Longmore não apenas perdera Adderley de vista, como também não conseguia localizar a irmã, a quem devia estar protegendo dos devassos e falidos. Isso não seria um problema tão grande se Sophia também a estivesse vigiando de perto. Mas Sophia precisava se livrar dos próprios devassos.

Longmore não estava pensando nisso. Pensar não era seu esporte favorito e pensar em mais de um assunto ao mesmo tempo perturbava seu equilíbrio. No momento, sua mente estava focada nos homens que estavam invadindo o que julgava ser sua propriedade. Infelizmente, isso significava que não estava ciente de que sua mãe também perdera Clara de vista. Isso se deveu ao fato de lady Warford estar mantendo uma venenosa conversa com sua melhor amiga e pior inimiga, lady Bartham.

Em resumo, ninguém estava de fato prestando atenção quando lorde Adderley conduziu Clara, enquanto valsavam, na direção do outro lado do salão de baile, para as portas que levavam à varanda. Entre os que deveriam ficar de vigia, ninguém percebeu quando Adderley piscou para os amigos.

Foi o movimento da multidão que trouxe Longmore de volta ao seu principal motivo para estar ali. A agitação não foi muito óbvia. Pareceu algo natural. Entretanto, homens como Longmore estavam sempre sintonizados nessas pequenas alterações. Ele não teve trabalho para sentir algo diferente no ar, uma mudança no foco de atenção de alguns grupos de convivas, um movimento em direção a um lugar comum. Era uma mudança de atmosfera que se tornava quase palpável quando uma briga estava para acontecer.

E essa corrente fluía na direção da varanda. Seus instintos lhe disseram que havia algo errado. Ele não sabia exatamente o quê, mas o aviso era vigoroso e ele era um homem que agia por instinto. Longmore se moveu sem demora.

Não precisou abrir caminho na multidão. Os que o conheciam sabiam que era melhor sair da frente, ou seriam empurrados com veemência. Ele chegou à varanda. Um pequeno público havia se juntado. Todos saíram de seu caminho.

## INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores  
da EDITORA ARQUEIRO,  
visite o site [www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)  
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,  
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar  
de promoções e sorteios.



[www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)



[facebook.com/editora.arqueiro](https://facebook.com/editora.arqueiro)



[twitter.com/editoraarqueiro](https://twitter.com/editoraarqueiro)



[instagram.com/editoraarqueiro](https://instagram.com/editoraarqueiro)



[skoob.com.br/editoraarqueiro](http://skoob.com.br/editoraarqueiro)

Se quiser receber informações por e-mail,  
basta se cadastrar diretamente no nosso site  
ou enviar uma mensagem para  
[atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)

Editora Arqueiro  
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia  
04551-060 – São Paulo – SP  
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818  
E-mail: [atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)